

P. Alberto Bourgeois

O Superior geral da renovação



Vigília para a Memória Dehoniana
26.11.2021

P. Alberto Bourgeois

O Superior geral da renovação

Introdução

A jornada da Memória Dehoniana é um convite a “recuperar a memória histórica das figuras significativas, nossos irmãos e irmãs, que podem ser modelos e estímulo para vivermos com maior intensidade a vocação e a missão que temos na Igreja e no mundo de hoje” (Carta de 18.12.2000, Padre Virgínio Bressanelli).

Estamos a celebrar o Centenário do nascimento do Padre Alberto Bourgeois (1921-1992), sexto Superior Geral (1967-1979), e os 40 anos da aprovação das novas Constituições (1982), bem como dos 50 anos de atividade do Centro de Estudos Dehonianos.

O nosso Superior Geral, Padre Carlos Luís Suárez Codorniú, escreve sobre o Padre Bourgeois: “A sua intimidade com o Senhor, a sua capacidade de escuta e de discernimento, o seu conhecimento do nosso património espiritual, a sua determinação em enfrentar os desafios, com a colaboração indispensável de muitos outros SCJ, tornaram possível à Congregação realizar uma caminhada de esperança rumo à renovação pedida pela Igreja” (Carta de 3.2.2021).

Bendigamos ao Senhor que tudo faz bem, conduz a sua Igreja e anima a nossa Congregação na partilha da experiência de fé do Padre Dehon.

Cântico

A pessoa

Na primeira parte da nossa vigília, olhamos a pessoa do Padre Alberto Bourgeois. Escutamos breves notas sobre a sua vida e ação, um testemunho do Padre Virgínio Bressanelli, e meditamos um dos seus textos bíblicos preferidos, quando tinha de falar sobre a espiritualidade dehoniana.

Notas biográficas

O Padre Alberto Bourgeois nasceu a 30 de janeiro de 1921 em Jandelaincourt, perto de Nancy, na França. Tinha sete anos de idade quando o seu pai faleceu com tuberculose; apenas três anos depois, perdeu também a sua mãe. Foi, pois, uma criança que, muito cedo, conheceu o sofrimento e as dificuldades de uma família de operários. Emitiu os primeiros votos na Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus em 1938. Em 1967, pouco depois do encerramento do Concílio Vaticano II, foi eleito Superior Geral, cargo que exerceu durante dois sexénios, até 1979. Guiou a Congregação numa época de muitas transformações dentro e fora da Igreja. O resultado mais visível da renovação da Congregação foram as novas Constituições, com uma primeira elaboração *ad experimentum* no Capítulo Geral de 1973, e a aprovação final, com várias mudanças, no Capítulo Geral de 1979. Durante estes anos, o Padre Bourgeois soube manter a unidade na Congregação que vivia grandes tensões quanto à sua orientação futura. Em várias ocasiões, teve de usar toda a sua autoridade de Superior geral, e foi garante e representante da “fidelidade dinâmica” que caracteriza a nossa renovação. A partir de 1979, até à sua morte prematura em 1992, dedicou-se a aprofundar o conhecimento da experiência de fé do Padre Dehon, e a estudar e apresentar as nossas Constituições.

Testemunho do Superior geral, Padre Virgínio Bressanelli, em São Quintino, no dia da sepultura do Padre Bourgeois

“Mais do que ninguém, na Congregação, depois do nosso Fundador, o nosso irmão (Padre Alberto Bourgeois) merece o belo nome de Pai, pela sua coragem, fidelidade e sabedoria em animar a Congregação, num período delicado e decisivo da sua história.

Como bom pastor soube conduzi-la às suas origens vitais. Sabia que a “seiva” vem das “raízes”, conforme as palavras de Paulo VI. Com o seu exemplo, a sua ação governativa, os seus numerosos escritos, procurou levar a Congregação a meditar na intuição originária do Padre Dehon.

Por isso, convém que repouse aqui, em São Quintino, perto do Fundador. Temos aqui as nossas raízes. Desejo que a sua sepultura neste lugar testemunhe a nossa estima, e a nossa gratidão pela sua pessoa e pelo seu serviço.

Desejo também que esta sepultura signifique o nosso compromisso em mantermos dinamicamente a herança que o Padre Dehon nos deixou, pois São Quintino permanece para todos nós centro de espiritualidade dehoniana e lugar de comunhão com as nossas fontes.

Repousando nesta terra-mãe, o Padre Bourgeois fica para sempre unido aos fundamentos da Congregação, para que continue a fecundar a nossa vida. Todos conhecemos a riqueza da sua

vida espiritual e do seu pensamento, o seu apego à Congregação e ao Fundador, a sua discreção e humildade. A sua vida foi verdadeiramente a de um sacerdote do Coração de Jesus.

Durante estes últimos dois meses, disse-nos que o Coração de Jesus tomou a sério tudo quanto escreveu sobre a nossa espiritualidade. E viveu-o. Possa permanecer como exemplo para nós, recordando-nos que a nossa vocação é sobretudo uma questão de vida.”

Da Primeira Carta de S. João (4,7-21)

Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor. E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não em termos sido nós a amar a Deus, mas em ser Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados.

Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros.

A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós. Damos conta de que permanecemos nele, e Ele em nós, por nos ter feito participar do seu Espírito.

Nós o contemplámos e damos testemunho de que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Quem confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus. Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

É nisto que em nós o amor se mostra perfeito: se somos no mundo como Ele foi e se esperamos confiantes o dia do juízo. No amor não há temor; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o temor; de facto, o temor pressupõe castigo, e quem teme não é perfeito no amor. Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão.

Palavra do Senhor.

Ato de oblação

Nós vos damos graças, Pai santo,
Senhor do céu e da terra,
porque no vosso Filho Jesus,
nos revelastes o mistério do vosso amor.
Transformai-nos em Cristo, servo dos homens,
e dai-nos um coração semelhante ao seu;
fazei que sejamos oferecidos e estejamos disponíveis
para anunciar a vossa misericórdia.
Vós nos chamastes a partilhar o amor salvífico de Cristo
numa vida de oblação;

dai-nos a graça de participarmos na sua obra de redenção
pela oferta da nossa vida.

Connosco, acolhei os sofrimentos
e as expetativas do mundo.

Acolhei os esforços e as esperanças da Igreja,
as alegrias e as dores de toda a humanidade.

Tornai-nos profetas do amor
e humildes servidores da reconciliação,
a caminho da Páscoa no vosso reino. Ámen.

A adoração

Pode parecer estranho que as nossas Constituições, entre as orientações apostólicas, mencionem a adoração eucarística como primeiro elemento. O Padre Bourgeois, desde o início do seu serviço como Superior geral, foi um grande defensor, ainda que enfrentando resistências, daquilo que hoje parece ser um elemento característico da vida dehoniana em todo o mundo.

Em 1989, no Colégio Internacional, em Roma, o Padre Bourgeois fez uma série de conferências sobre “A nossa adoração: história, teologia, política”. Escutemos um pequeno texto desse trabalho.

“O Padre Dehon alonga-se em recomendações sobre a preparação da adoração eucarística, a celebração, a ação de graças, a organização, as saudações, etc. Poderíamos dizer que são coisas pequenas, minúcias, ritos e costumes que se tornaram mais flexíveis depois do último Concílio e com o movimento de uma espiritualidade e devoção mais livres e arejadas. Nestes pormenores, mais do que a preocupação de uma fria exatidão ritual, devemos certamente ver um fervor real e autêntico, a colocar no quadro de um grande projeto de amor, de um coração que ama em espírito e verdade, semelhante aos pequenos gestos de atenção com que exprimimos o amor humano, na família, entre jovens namorados ou cônjuges idosos e, mais em geral, a caridade para com Deus e para com o próximo.

Mas devemos ir mais além, até ao próprio sentido, à intuição de que, para um Instituto cuja “finalidade reparadora” é o seu caráter distintivo e a sua missão na Igreja, a adoração eucarística é vista como um verdadeiro, essencial e substancial ato de reparação.

Maria sentada aos pés de Jesus (Lc 10,39) é símbolo e tipo do “tempo” apenas dedicado ao único necessário, tempo livre, tempo “perdido”, humanamente falando, porque é todo para Deus: o tempo de Maria coincide com o de Jesus, sem que nada lhe seja subtraído ou desviado. Jesus convida Marta a realizar, na sua ação e serviço, a mesma coincidência, dando atenção ao único necessário, isto é, a viver de verdade o que devemos compreender por meio da contemplação na ação. A verdadeira eficácia da nossa ação de redenção e reparação vem desta coincidência e não tanto da perfeita adequação dos meios, ainda que a procura dessa adequação perfeita seja exigência da ação que quer ser toda e unicamente para Deus.

Isto remete-nos para o sentido próprio da nossa adoração, como tempo puro e livre para o “único necessário”. “Necessário”, não tanto como “exercício” de santificação pessoal e estímulo para o apostolado – “a alma do apostolado”, de acordo com o título de um livro famoso - e nem sequer como exercício e tempo livre e privilegiado para oferecer compensação e satisfação ao Senhor pelas ingratidões, indiferenças e sacrilégios de que o Coração de Jesus se queixava ser vítima, mas como tempo puro e livre, tempo consagrado e, humanamente falando, tempo perdido e aparentemente vazio de qualquer eficácia. Mas é o tempo em que, em nós, por Cristo e em Cristo, o mundo se abre e oferece a Deus que restaura e reconcilia, tempo exposto à ação de Deus no mundo. E é neste sentido que podemos e devemos falar de culto reparador.”

Das nossas Constituições

Cst 31

Para o Padre Dehon, fazem parte desta missão, em espírito de oblação e de amor, a adoração eucarística, como autêntico serviço de Igreja (cf. NQT 1.3.1893) e o ministério junto dos pequenos e humildes, dos operários e dos pobres (cf. Souvenirs XV), para lhes anunciar as insondáveis riquezas de Cristo (cf. Ef 3,8).

Cst 83

Na adoração, intimamente ligada à celebração eucarística, meditamos nas riquezas desse mistério da nossa fé, a fim de que a carne e o sangue de Cristo, alimento de vida eterna, transformem mais profundamente as nossas vidas.

Correspondemos, assim, a uma exigência da nossa vocação reparadora. Na adoração eucarística, queremos aprofundar a nossa união ao sacrifício de Cristo para a reconciliação dos homens com Deus.

Silêncio

Salmo 138, 1-14 (meditação pessoal)

Senhor, Vós conheceis o íntimo do meu ser,
sabeis quando me sento e quando me levanto.
De longe penetrais o meu pensamento:
Vós me vedes quando caminho e quando descanso,
Vós observais todos os meus passos.

Ainda a palavra me não chegou à língua
e já, Senhor, a conheceis perfeitamente.
Por todos os lados me envolveis
e sobre mim pondeis a vossa mão.
Prodigiosa ciência, que não posso compreender,
tão sublime que a não posso alcançar!

Onde poderei ocultar-me ao vosso espírito?
Onde evitarei a vossa presença?
Se subir ao céu, Vós lá estais;
se descer aos abismos, ali Vos encontrais.

Se voar nas asas da aurora,
se habitar nos confins do oceano,
mesmo ali a vossa mão me guiará
e a vossa direita me sustentará.

Se disser: «Talvez as trevas me hão de ocultar
e a luz, em volta de mim, se fará noite»,

nem as trevas, para Vós, têm obscuridade:
a noite brilha como o dia
e a escuridão é clara como a luz.

Vós formastes as entranhas do meu corpo
e me criastes no seio de minha mãe.
Eu Vos dou graças
por me haverdes feito tão maravilhosamente:
admiráveis são as vossas obras.

Rezemos juntos:

Senhor Jesus,
estamos reunidos junto de Vós.
Vós sois o Filho de Deus feito homem,
Crucificado por nós e ressuscitado pelo Pai.
Vós sois Aquele que vive,
Aquele que está realmente presente no meio de nós.
Vós sois o caminho, a verdade e a vida:
só Vós tendes palavras de vida eterna.
Vós sois a garantia da nossa salvação,
o único nome a invocar para termos esperança.
Vós sois a imagem do Pai e o doador do Espírito;
Vós sois o Amor: o Amor não amado.
Senhor Jesus, cremos em Vós;
Adoramo-vos e amamo-vos, de todo o coração
e proclamamos o vosso nome acima de todo o nome.
Senhor Jesus, ajudai-nos a estar vigilantes,
enquanto esperamos a vossa vinda.
(S. João Paulo II)

Cântico

A reparação

“Reparação” é uma palavra e um conceito que continua a suscitar discussões ainda hoje. Quando, em 1973, o Capítulo geral decidiu, com 33 votos a favor e 32 votos contra, inserir esse termo nas nossas Constituições, o voto decisivo, segundo o Padre Bourgeois, foi o do Padre Dehon.

Em 1990, no Escolasticado de Freiburg, na Alemanha, o Padre Bourgeois orientou uma sessão de estudo sobre a reparação, tendo comentado particularmente Jo 19,31-37. Eis algumas das suas palavras:

“Do nosso ponto de vista, e tendo em conta o nosso objetivo, a palavra mais importante a reter é a última, a citação de Zacarias 12,10. Trata-se do anúncio profético desta contemplação assídua de Cristo de Lado aberto, que levou os Santos e a Igreja, não só à devoção ao Coração de Jesus, mas mais precisamente ao sentido da reparação, que a mensagem de Paray-le-Monial tornou explícito e popular. Como muitas vezes se acentuou, foi aí, aos pés da cruz ou da imagem de Cristo de Coração trespassado que nasceu o pensamento e a experiência da reparação possível e necessária.

Em primeiro lugar, porque é o sinal do amor com que fomos amados, o amor “no qual o Pai nos manifestou o seu amor”, dizem as nossas Constituições (n. 9), durante toda a sua vida e “até ao extremo”, como escreve S. João (13,1).

Depois, porque é exatamente aí, aos pés da cruz, que compreendemos o verdadeiro significado do pecado, e nos tornamos “sensíveis” a ele, de acordo com a palavra das Constituições referida ao Padre Dehon (n. 4), não só nas suas consequências humanas e sociais, mas também na sua realidade teológica, aquela que, no sentido exato da palavra, exige o que entendemos por reparação.

Como acontece com o próprio amor, não se trata de um problema a resolver, mas de um mistério a penetrar, não tanto por meio de leituras, investigações, sondagens, mas pela contemplação, que é amor e união. O Padre Dehon é uma testemunha, difícil de contradizer, de que não se trata de fuga do verdadeiro serviço de reparação do nosso mundo. Penso que fazemos bem em regressar, não só à sua ação, mas também à sua contemplação. “A chaga do Coração de Jesus é uma eloquente escola de amor. Ao contemplá-la, somos irresistivelmente conquistados pelo amor e queremos amar com esse belo amor de compaixão, que começa por derreter o Coração de Jesus em infinita compaixão e nos ergue reforçados para todas as devoções.” (ESC 1/278).”

Das nossas Constituições

Cst 7

O Padre Dehon espera que os seus religiosos sejam profetas do amor e servidores da reconciliação dos homens e do mundo em Cristo (cf. 2 Cor 5,18).

Assim comprometidos com Ele, para reparar o pecado e a falta de amor na Igreja e no mundo, prestarão com toda a sua vida, com as orações, trabalhos, sofrimentos e alegrias, *o culto de amor e de reparação que o seu Coração deseja* (cf. NQ XXV, 5).

Cst 23

É assim que entendemos a *reparação*: como acolhimento do Espírito (cf. 1 Tess 4,8), como resposta ao amor de Cristo por nós, comunhão no seu amor pelo Pai e cooperação com a sua obra redentora no coração do mundo.

É aí, de facto, que hoje Cristo liberta os homens do pecado e restaura a união da humanidade. E é também aí que Ele nos chama a viver a nossa vocação reparadora, como estímulo do nosso apostolado (cf. GS 38).

Silêncio

Isaías 58, 1.5-12 (meditação pessoal)

“Clama em altos brados sem cessar,
ergue a tua voz como trombeta.
Faz ver ao meu povo as suas faltas
e à casa de Jacob os seus pecados.

Será este o jejum que Me agrada
no dia em que o homem se mortifica?
Curvar a cabeça como um junco,
deitar-se sobre saco e cinza:
é a isto que chamas jejum e dia agradável ao Senhor?

O jejum que Eu quero não será antes este:
quebrar as cadeias injustas,
desatar os laços da servidão,
pôr em liberdade os oprimidos,
destruir todos os jugos?

Não será repartir o teu pão com o faminto,
dar pousada aos pobres sem abrigo,
levar roupa aos que não têm que vestir
e não voltar as costas ao teu semelhante?

Então a tua luz despontará como a aurora
e as tuas feridas não tardarão a sarar.
Preceder-te-á a tua justiça
e seguir-te-á a glória do Senhor.
Então, se chamares, o Senhor responderá;
se O invocares, dir-te-á: ‘Aqui estou’.

Se tirares do meio de ti toda a opressão,
os gestos de ameaça e as palavras ofensivas,
se deres do teu pão ao faminto

e matares a fome ao indigente,
brilhará na escuridão a tua luz,
e a tua noite será como o meio-dia.

O Senhor será sempre o teu guia
e saciará a tua alma nos lugares desertos.
Dará vigor aos teus ossos,
e tu serás como jardim bem regado,
como nascente cujas águas nunca secam.

Reconstruirás as ruínas antigas,
levantarás os alicerces seculares.
E chamar-te-ão 'reparador de brechas',
'restaurador de estradas, para se poder habitar'".

Oração

Bendito sejas, Deus misericordioso
Por vos terdes aproximado de nós em Jesus Cristo,
Imagem perfeita do vosso amor.
Entregando-se por nós
e oferecendo-se a Vós,
curou o mundo ferido pelo pecado e pela morte.
Libertou-nos de quanto nos tornava escravos.
Reconciliou-nos uns com os outros e convosco.
Revelou-nos o mistério da vida eterna.

Nós vos pedimos, Deus misericordioso:
Completai a obra que iniciastes em nós.
Que possamos tornar-nos o que recebemos:
Corpo de Cristo repartido pelos outros.

Que o vosso Espírito nos encha,
de modo a revelar nas nossas vidas
a reconciliação que Cristo alcançou para nós.
Que possamos mostrar ao mundo
o amor que o vosso Filho tornou possível
e a vida que quiseste para todos nós
desde o princípio dos tempos.
Ámen.

Cântico

A revolução interior

Ao contrário das Constituições de 1956, as novas Constituições não indicam um tempo determinado para a meditação. Por isso, segundo o Padre Bourgeois, torna-se mais importante interrogar-nos sobre a qualidade da nossa oração e meditação.

Escutemo-lo na "Meditação para uma Conferência Provincial, sobre Jo 15,1-17", de modo particular, 15,3: "Vós já estais purificados pela palavra que vos tenho anunciado", com referência à Regra de Vida de 1973.

"Mais do que de estudo e de discussões intermináveis, precisamos da atenção e da oração. Não só da atenção nas nossas orações... mas da atenção da oração, como movimento da alma provocado pela fé e pelo amor... Eu julgo a importância e o significado que dou à oração, não pelas belas ideias que tenho sobre ela, pela minha capacidade em falar dela, pelo gosto que tenho por ela, pelo lugar que ocupa nas minhas preocupações, pela minha predileção, pelo tempo que lhe dedico, apesar das minhas ocupações e até por causa delas. Mais estou ocupado, mais estou "no mundo", mais devo estar em Jesus, viver nele e dele. Não preciso apenas de convicções teóricas, ou da ciência sobre a oração. Preciso da sabedoria da oração, da sabedoria que reza.

Pessoalmente, concretamente e sinceramente, devo perguntar-me, devemos perguntar-nos: que tempo real de oração ficou na minha vida, desde que a meia hora quotidiana deixou de constar nas nossas Constituições? A verdadeira oração ainda é uma estrutura de vida para mim? Ou reduz-se aos 5 ou 10 minutos, previstos aqui e ali, depois das leituras, aqueles breves momentos de silêncio postos ao lado dos meus trabalhos, tempos de silêncio tantas vezes vazios de verdadeira oração, porque é preciso tempo para que o silêncio entre nas nossas vidas rumorosas, dissipadas e ocupadas. É preciso tempo para que o coração seja purificado e para que o Senhor seja por nós sentido como presente...

A oração suficiente, prolongada, perseverante, regular, para além do nosso gosto ou da falta dele, é uma exigência de vida, de acolhimento de Jesus, para viver e permanecer nele, para produzir fruto. Sem ela, não somos "discípulos" e não se pode estar na vida religiosa, na comunidade religiosa.

Mas prometo-vos que a verdadeira oração, a vida de oração e o empenho na oração, por meio das necessárias purificações, sacrifícios de tempo e de esforços na pobreza e na pureza de coração, é uma grande doçura, uma grande paz: "Manifestei-vos estas coisas", conclui Jesus, "para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa."

Das nossas Constituições

Cst 76

Reconhecemos que da oração assídua dependem a fidelidade de cada um e das nossas comunidades, bem como a fecundidade do nosso apostolado. Cristo convida os seus discípulos, sobretudo os seus amigos, a perseverarem na oração: queremos responder a este convite. "Propôs-lhes Jesus ainda uma parábola, para mostrar que é preciso orar sempre, sem nunca desanimar..." (Lc 18,1). "Vigiai e orai, para não cairdes em tentação" (Mt 26,41).

Cst 144

Conformando a nossa vida a estas Constituições, como exige a nossa profissão, seremos fortalecidos na fidelidade à nossa vocação e à nossa missão de Sacerdotes do Coração de Jesus. A nossa vida religiosa participa na evolução, nas provações e procuras do mundo e da Igreja. Também ela é constantemente interpelada. Somos obrigados a repensar e a reformular a sua missão e as suas formas de presença e de testemunho.

Seguros da indefetível fidelidade de Deus, radicados no amor de Cristo, sabemos que a nossa opção pela vida religiosa, para que se mantenha viva, exige o encontro frequente com o Senhor na oração, a conversão permanente ao Evangelho e a disponibilidade de coração e de atitudes, para acolher o **Hoje de Deus**.

Silêncio

Salmo 61, 6-13. (meditação pessoal)

Só em Deus descansa a minha alma,
d'Ele me vem a salvação.
Ele é meu refúgio e salvação,
minha fortaleza: jamais serei abalado.

Em Deus está a minha salvação e a minha glória,
o meu abrigo seguro, o meu refúgio está em Deus.

Povo de Deus,
em todo o tempo ponde n'Ele a vossa confiança,
desafogai em sua presença os vossos corações:
Deus é o nosso refúgio.

Os homens não passam dum sopro
e de uma mentira os filhos dos homens:
todos juntos na balança,
são mais leves que o fumo.

Não confieis na violência nem vos fieis no roubo;
se crescer a riqueza, não lhe entregueis o coração.
Uma vez falou Deus e duas ouvi:
a Deus pertence o poder.

A Vós, Senhor, pertence a bondade,
Vós dais a cada um segundo as suas obras.

Oração pela Congregação e pelos Superiores

Ó Jesus, bom pastor,
concedei aos nossos superiores
e a todos os que exercem a autoridade na Igreja,
o espírito, as graças, as virtudes
e tudo o que os faça bons pastores.
Que o vosso Espírito desça sobre eles com todos os seus dons,
a fim de que, intimamente unidos a vós,
disponham todas as coisas com prudência,
conduzindo-as ao seu fim com fortaleza e serenidade.

Senhor, fazei os nossos superiores tão semelhantes a vós,
que, com a força do exemplo,
dirijam o rebanho que lhes foi confiado.
Concedei, à nossa família religiosa
a graça de formar um só coração e uma só alma,
na obediência e na caridade.
Fazei que nela ingressem
somente os que vós mesmo chamastes e escolhestes.

Abençoai-nos,
abençoi as nossas casas e todas as nossas obras.
As graças abundantes que emanam de vosso lado,
aberto na cruz,
não cessem de santificar esta comunidade,
a fim de que viva na alegria
e produza frutos que permaneçam.
Ámen.

Cântico

Oração universal

Irmãos, ao fazermos memória de quantos nos precederam e se santificaram seguindo o caminho espiritual apontado pelo Padre Dehon, à luz do Padre Bourgeois, o Superior geral da renovação, peçamos a graça de continuar, em fidelidade dinâmica, a ser profetas do amor e servidores da reconciliação no mundo, rumo ao Reino eterno, e digamos:

R. Renovai-nos, Senhor, no vosso Espírito.

1. Pai santo, concedei-nos que o Espírito de amor faça de todos os cristãos um só povo, neste mundo lacerado por conflitos e discórdias, e que a Igreja resplandeça como sinal de unidade e de paz. Rezemos.

2. Pai santo, renovai para o Santo Padre, para os Bispos, presbíteros e Diáconos, as maravilhas do Pentecostes e tornai fecundo o seu serviço à humanidade. Rezemos.
3. Pai santo, acendei na nossa Congregação o fogo do Espírito, para que anuncie, com a palavra e a vida, o amor de Cristo, manso e humilde de coração, e se empenhe cada vez mais no serviço aos pequenos e pobres. Rezemos.
4. Pai santo, dai-nos a graça de compreender que, da assiduidade à oração, da prática da adoração eucarística e da vida de oblação reparadora, dependem a fidelidade de cada um de nós, com as nossas comunidades, e a fecundidade do nosso apostolado. Rezemos.
5. Pai santo, mandai à nossa Família Dehoniana as necessárias vocações, que sejam profetas do amor e servidores da reconciliação dos homens e do mundo em Cristo, para glória do vosso nome. Rezemos.
6. Pai santo, aumentai a comunhão que nos une entre nós, e ajudai-nos a permanecer unidos aos nossos irmãos defuntos, na oração e na esperança. Rezemos.

Pai nosso

Pai santo, fonte de toda a renovação no amor, fazei que, com a cooperação da Família Dehoniana, em todas as línguas, povos e culturas, ecoe o anúncio alegre do Evangelho do Amor e da Misericórdia e o Espírito nos renove na Páscoa do vosso Filho, que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo. R) Ámen.

Cântico